



## VIDA, VÍCIO E (NÃO) SUICÍDIO: A IMPORTÂNCIA DA SUBSTÂNCIA

Thiago André Rodrigues Leite<sup>1</sup>, Karine Rios de Oliveira Leite<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Instituto Federal de Goiás (IFG), Campus Águas Lindas/thiago.leite@ifg.edu.br

<sup>2</sup> Instituto Federal de Goiás (IFG), Campus Águas Lindas/karine.leite@ifg.edu.br

### Resumo:

O suicídio tem se mostrado bastante recorrente no universo dos jovens, mas, a nosso ver, o uso de substância pode funcionar como um escape para esse ato, ou seja, uma forma de proteção à vida. Neste artigo, objetivamos debater a relação entre vida, vício e (não) suicídio, tentando discutir essas temáticas, alvo de preocupações das mais diversas instituições sociais, como provocadoras de inquietações no espaço educacional, e pensando a possibilidade de imprimirmos outro olhar (teórico) sobre elas. Para isso, analisamos sequências linguísticas da obra “Macário” (2006), de Álvares de Azevedo, e do “Poema tirado de uma notícia de jornal” (2000), de Manuel Bandeira. Assumimos como aportes teóricos aspectos da teoria de Lacan (1988) e textos teóricos da área da Saúde Mental. Para a análise linguística, norteamos-nos por alguns fundamentos da Análise de Discurso, notadamente com base nos pressupostos de Pêcheux (1993, 2008). Com este trabalho, encontramos respaldos teóricos que, postos em relação, permitiram-nos (re)pensar o uso da substância não pelo velho discurso do combate, do enfrentamento, mas considerando que, talvez, tirá-la do sujeito pode significar a retirada daquilo que lhe parece seu único ponto de equilíbrio na vida.

**Palavras-chave:** Suicídio. Substância. Vida.

### Introdução

Na música “Asleep”(1986), da extinta banda britânica The Smiths, fala-se sobre o anseio que o eu lírico tem por partir para outro lugar, mais especificamente para outro mundo, pois se sente cansado, permitindo-nos entrever que essa partida estaria associada à própria morte, a qual poderia acontecer, entre tantas outras causas, por meio de suicídio<sup>1</sup>. Baseando-se na OMS (Organização Mundial da Saúde), Soares (2011, p. 88) afirma que, “na faixa etária entre 15 e 35 anos, o suicídio está entre as três maiores causas de morte”. Além disso, segundo Soares (2011, p. 89), os “(...) atos suicidas são prevalentes em pessoas solteiras, mais jovens ou que possuem um transtorno mental”. Esse autor defende que os sentimentos depressivos, bem como outros transtornos mentais (ansiedade, bulimia, pânico, fobia social, bipolaridade, etc.) estão ligados à ideação suicida.

---

<sup>1</sup> A palavra “suicídio”, “originária do latim *sui caedere*, significa o ato que tem por objetivo pôr fim à própria vida” (SOARES, 2011, p. 87). Para o autor, esse ato é o resultado de um sofrimento psíquico, funcionando como “(...) a única saída para um problema que representa um intenso sofrimento para a pessoa” (SOARES, 2011, p. 87), sendo “(...) considerado, hoje, como um problema de saúde pública” (SOARES, 2011, p. 88).

Assim como o suicídio, o uso de substância<sup>2</sup> mostra-se recorrente no universo juvenil. Segundo Malbergier et al. (2012, p. 678), “o consumo de substâncias psicoativas é um grave problema de saúde pública. O início do uso geralmente ocorre na adolescência”. Os autores dizem ainda que, relacionado a isso, há, nessa fase, o aparecimento de problemas escolares, sociais, características de personalidade, transtornos psiquiátricos e problemas familiares. No entanto, a nosso ver, o uso de substância (cigarro e bebida alcoólica, por exemplo) pode funcionar como um escape para o suicídio, ou seja, uma forma de proteção à vida, o que justifica o título dado a este artigo. Assim, há, de um lado, o reconhecimento de que o vício<sup>3</sup> pode conduzir ao suicídio (voluntária ou involuntariamente), uma espécie de passo anterior a ele; de outro, que o vício, através do uso de alguma substância, também pode ser uma forma de lidar com a vida, levando ao não suicídio.

Neste artigo, objetivamos debater a relação entre vida, vício e (não) suicídio, tentando discutir essas temáticas, alvo de preocupações das mais diversas instituições sociais, como provocadoras de inquietações no espaço educacional, e pensando a possibilidade de imprimirmos outro olhar (teórico) sobre elas. Na atualidade, tem havido campanhas e toda sorte de atividades visando ao combate ao suicídio. De certa maneira, nosso trabalho alinha-se a esse propósito, cabendo ressaltar que partimos da consideração do sujeito e de sua singularidade, a fim de (re)pensarmos a relação com o vício.

Sob a perspectiva em que nos situamos teoricamente, o sujeito (que é de linguagem) é singular, pois o modo como a linguagem (e a língua como parte dela) incide em e constitui todo e qualquer um é único, de forma que uma “mesma” palavra pode provocar alegria em alguém, mas também pode provocar tristeza. Assim, se as circunstâncias são diversas e adversas, também o são as (re)ações perante elas. Por exemplo: diante de um rompimento de um relacionamento, um dos envolvidos pode muito bem se sentir feliz enquanto o outro pode se sentir dolorido e desenvolver um quadro depressivo. Obviamente, não há garantia no cerceamento das emoções, nem sobre as formas como lidar com a perda e, conseqüentemente, com a busca.

Nessa perspectiva, a literatura exerce importante papel ao nos permitir pensar

---

<sup>2</sup> Neste trabalho, compreendemos “substância” conforme aceção geral da literatura da área da saúde: o tabaco, bebidas alcoólicas e drogas ilícitas no Brasil; e como sinônimo da expressão “substância tóxica”, dado o potencial nocivo que tem.

<sup>3</sup> Tendo em vista que, frequentemente, se faz uma relação de sinonímia entre o uso de alguma substância tóxica e o vício, é comum vermos empregado o termo “vício” referindo-se não apenas ao fato de alguém apresentar problemas com o uso de determinada substância, mas se remetendo a todo e qualquer ato de uso desse tipo de substância. É como se o próprio uso de uma substância tóxica se configurasse, por si só, vício, posicionamento do qual divergimos, já que “(...) nem todos os sujeitos que usam alguma substância manifestam problemas com o uso” (MALVASI e ADORNO, 2011, p. 209).

nuances de questões fulcrais da condição humana, da vida em sociedade, de suas maravilhas ou mazelas. A despeito de as obras literárias serem e projetarem criações artísticas, a literatura surge como expressão da vida, para a vida, com o potencial de fazer pensar o e intervir no social, sendo um recorte da realidade. Logo, para nossa problematização, analisamos alguns trechos de obras literárias, a fim de tentarmos relacionar palavras e (re)ações (não) singulares diante do uso de substâncias e do (não) suicídio. Analisamos sequências linguísticas das obras “Macário” (2006), de Álvares de Azevedo, e “Poema tirado de uma notícia de jornal” (2000), de Manuel Bandeira. As sequências recortadas são aquelas que textual e diretamente fazem menção às temáticas em tela e, eventualmente, outras que a elas se relacionem.

Para o desenvolvimento das ideias presentes neste artigo, assumimos como aportes teóricos aspectos da teoria da Psicanálise de Lacan, tomando, para tanto, a noção de sujeito abordada na obra “Escritos” (1998), e textos teóricos da área da Saúde Mental. Para a análise linguística, norteamos-nos por alguns fundamentos da Análise de Discurso, notadamente com base nos pressupostos de Pêcheux (1993, 2008), considerando, a partir de dizeres (entendendo-os pelos possíveis efeitos de sentido que deles podem emergir), a vida, o vício e o (não) suicídio como conceitos a serem (re)discutidos e (re)pensados.

### **Aspectos conceituais e problematizações: um passo para as análises**

Os conceitos de “vida” e “saúde” são geralmente concebidos, segundo Calazans e Lustoza (2008), sob o prisma da medicalização, focando aspectos que advogam para si a ideia de pragmatismo, objetividade e cientificidade, em nome dos quais abandonam questões bastante relevantes tomadas pelo ponto de vista que chamam de “ético e referente ao sujeito” (CALAZANS; LUSTOZA, 2008, p. 126), como possível pela teoria psicanalítica. Por isso, quando falamos em “vida” neste trabalho, pensamos diferentes sujeitos com seus diferentes hábitos, os quais podem ser saudáveis para uns e insalubres para outros. O café da manhã dos americanos, por exemplo, é repleto de alimentos calóricos, ao passo que o do brasileiro costuma ser considerado “mais leve” e, conseqüentemente, “mais saudável”. Os diferentes modos de vida podem ter como efeito o vício.

A palavra “vício”, do latim vitium, significa “falha” ou “defeito”, estando associada a um hábito repetitivo que pode degenerar (causar danos/prejuízos), hábito esse que, em geral, é atribuído ao uso de substâncias (drogas) lícitas ou ilícitas, já que, a depender da intensidade e frequência do uso que se faz delas, pode ocorrer um hábito repetitivo e degenerativo.

Ressaltamos que “o uso de drogas tornou-se prática social amplamente difundida devido à busca por gozo, adrenalina ou alívio da tensão individual em uma sociedade hiperativa” (MALVASI e ADORNO, 2011, p. 207).

Nesse sentido, entendemos que a mesma sociedade que produz discursos de combate às drogas produz discursos de vida intensa, de sensações diversas, não raramente proporcionadas pelo uso de drogas (lícitas ou ilícitas). Em muitos casos, as substâncias vêm como resposta, como “solução” para os problemas: para o não ter a pessoa amada, para o ser/estar infeliz, por exemplo. Tal é o que intentamos elucidar discursivamente nas análises que se sucedem, procurando averiguar de que modo(s) o uso de substâncias pode ser ressignificado e representar “vida”.

Partindo da ideia de que “o sujeito depende do significante e este está, primeiro, no campo do Outro” (LEITE, 2000, p. 45), sendo este o “(...) o tesouro dos significantes, plano que rege a produção de sentido” (LEITE, 2000, p. 46), compreendemos que o sujeito não é empírico, mas, sim, de linguagem. A noção de sujeito na qual nos pautamos é aquela que nos permite dizer, tomando como base aspectos da teoria de Lacan (1998), que ninguém é formado/constituído (como sujeito) da mesma maneira, podendo (re)agir de forma bem singular a situações que seriam vistas, aos olhos de muitos, como comuns, corriqueiras. Um homem, após o término de um namoro, pode ter como (re)ação a ida para alguma droga lícita, por exemplo: o vinho ou o tabaco, como também pode ter como (re)ação a ida para uma via sem retorno: o suicídio.

Na perspectiva da Psicanálise lacaniana, o sujeito (que é do inconsciente) está para a ordem da incompletude, visto que é constituído por uma falta. “O que falta a um não se encontra no Outro, a não ser como falta. Ou seja, a falta é o que há de comum entre o sujeito e o Outro” (LEITE, 2000, p. 45). Portanto, a falta é irremediável, o que pode ser associado à metáfora do tonel com um furo em sua parte inferior. Por mais que o sujeito tente preenchê-lo (ou se preencher), jamais há uma completude plena. Assim, há a constante busca do sujeito em decorrência da falta, levando-o a produzir e/ou a chafurdar-se. Embora haja tentativas de tamponá-la, nenhuma se configura como plenitude.

Sob essa ótica, no próximo tópico, procuramos mostrar que o uso de substância não necessariamente vem a se constituir um mal a ser evitado, podendo, ao contrário, funcionar como uma forma de proteção à vida, conforme pretendemos analisar discursivamente. Segundo Pêcheux (1993, p. 82), o discurso não se trata “necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B, mas, de modo mais geral, de um *efeito de sentidos* entre os pontos

A e B” (grifos nossos). Isso implica observar, nos dizeres, por exemplo, deslizos e duplicidades de sentido, contradições, equívocos, em outras palavras, perscrutar efeitos de sentido que a partir deles podem emergir. No nosso caso, perscrutar efeitos em seqüências linguísticas presentes em recortes de dizeres de Macário e de Penseroso, em “Macário” (2006), e sobre João Gostoso, em “Poema tirado de uma notícia de jornal” (2000).

### **Macário e Penseroso: de dizeres a interpretações**

A poesia romântica brasileira, sobretudo no que diz respeito à segunda geração, é marcada por profundo pessimismo, egocentrismo exacerbado e gosto pela morte. Em termos contextuais, essa poesia surgiu em meados do século XIX, período em que muitos poetas brasileiros morreram em tenra idade. Álvares de Azevedo, expoente da Segunda Geração do Romantismo no Brasil, morreu aos 21 anos de idade (1831-1852), deixando um grande legado literário. Dentro desse grande legado, a peça teatral denominada “Macário” destaca-se pela complexidade filosófica de ideias, as quais indiciam um protagonista, Macário, marcado por pessimismo em relação à vida e sempre em busca da mulher tida como “perfeita” (pura e virgem). No entanto, não havendo a conquista dessa mulher, restariam a ele o vinho e o fumo como possíveis subterfúgios para o acalento da “alma”. Ao não se configurarem como escapes, o suicídio pode ser o que de resto resta para alguém que sofre de desilusão amorosa, por exemplo.

Como recorrente nas produções literárias do Romantismo, a obra “Macário” apresenta a narrativa de personagens que lidam com a desilusão amorosa e com o conseqüente desejo de fuga, o sentimento de escapismo, o qual pode ocorrer pela via do vício, como suposto “lugar” para (re)fazer(-se) (n)a vida, ou através do suicídio, como possível fuga “eterna” de todos os males. Considerando recortes de dizeres de Macário e de Penseroso, com o objetivo de realizar interpretações pautadas em aspectos linguísticos, apresentamos, primeiramente, citações; em seguida, interpretações e posicionamentos acerca do que parece ser possível entrever nesses dizeres; e, ao final, do que parece ser possível dizer sobre o (não) uso de substância.

A) “Quando não há o amor, há o vinho; quando não há o vinho, há o fumo; e quando não há amor, nem vinho, nem fumo há o spleen”. (Macário) (AZEVEDO, 2006, p. 19)

Essa sequência linguística indicia que estamos sempre à procura de algo que, minimamente, possa nos “completar” ou contemplar, como possíveis subterfúgios para lidarmos com a falta. O paralelismo da expressão “quando não há” parece sinalizar a respeito da existência de uma falta (“não há”) e mostra que o funcionamento de substituição, ao mesmo tempo, mantém-se, repete-se, e desliza de uma coisa para outra.

Nesse sentido, quando não temos a pessoa amada ou a reciprocidade do amor, ou diante de qualquer outra falta, procuramos algo que traga algum “bem”, ainda que, por vezes, fugaz. Na afirmação de Macário, seria, para ele, o vinho ou o fumo. Caso isso não se confirmasse, restaria o spleen (tédio constante), podendo culminar no suicídio. O fato de o termo “spleen” aparecer por último pode ser interpretado como o destino final daquele que não encontra refúgio em outros escapes, sabendo-se, inclusive, que o tédio pode levar ao suicídio.

B. “Amo o fumo e odeio o Direito Romano. Amo as mulheres e odeio o romantismo”. (Macário) (AZEVEDO, 2006, p. 24)

A expressão “Direito romano” poderia remeter a um conjunto de regras, normas que regiam as relações humanas em Roma e em seus domínios, mas perdurando e influenciando o Direito e diversas culturas por longo tempo. Uma das premissas desse Direito seria a de que ninguém deve ser prejudicado, devendo ser protegidas e preservadas as pessoas e os bens. Assim, ao dizer que odeia o Direito romano, o personagem poderia estar afirmando sua repulsa a normas de conduta segundo as quais o vício (metonimicamente<sup>4</sup> dito como “o fumo”) fosse, talvez, prejuízo à pessoa.

A antítese “amo” e “odeio” sinalizaria a oposição entre, de um lado, o apreço ao que é culturalmente condenável (“fumo”) e, de outro, a rejeição às regras (“Direito Romano”) que condenam aquilo que, para ele, está sendo algo positivo, trazendo-lhe algum consolo. A manutenção dessa antítese no período seguinte, configurando-se, novamente, como um paralelismo “amo (...) e odeio (...)”, permite associar “mulher” a “fumo” e “romantismo” a “Direito romano”. Logo, “mulher” estaria para “fumo”, assim como “romantismo” estaria para “Direito romano”. “Mulher” e “fumo” acarretariam satisfação, ao passo que “romantismo” e “Direito romano” provocariam desconforto e até “spleen”.

Amar o fumo em detrimento de tal Direito pode significar amar aquilo que prescinde

---

<sup>4</sup> Conforme compreendemos, as palavras “vinho” e “fumo” funcionam aqui metonimicamente, pois expressam a parte (“fumo”, um tipo de substância tóxica) pelo todo (o vício, propriamente dito, em qualquer substância).



de um grande esforço para execução. Estudar o Direito Romano, com todas as suas leis, demanda dedicação para compreensão, o que não se daria, a nosso ver, para o fumo. Amar as mulheres não necessitaria de grandes esforços; porém, seguir os preceitos do romantismo, sim. Amar o “fácil”, mas odiar o que demanda esforço. A conjunção “e”, nesse caso, teria valor adversativo, reforçando o caráter antitético dos dizeres. Parafrasticamente, estaria afirmando: “amo as mulheres, mas odeio ter de empreender o esforço necessário, convencionalmente estipulado, como romantismo (suas convenções), para conquistá-las”, o que pode ser vislumbrado também nos seguintes dizeres do mesmo personagem: “gosto mais de uma garrafa de vinho que de um poema, mais de um beijo que do soneto mais harmonioso” (AZEVEDO, 2006, p. 24).

Não estando disposto a seguir as convenções sociais do Direito romano, tampouco do que se considera “romantismo”, o homem em questão não teria a mulher amada, procurando sua satisfação no fumo, o qual, então, estaria fazendo-lhe (algum) bem; quiçá, poupando-o de males maiores, sendo, pois, uma alternativa ao suicídio, o que parece ser possível entrever na relação desses dizeres com a afirmação seguinte.

C. “Não há melhor túmulo para a dor que uma taça de vinho ou uns olhos negros cheios de languidez”. (Macário) (AZEVEDO, 2006, p. 55)

Ao dizer, poética e metaforicamente, que o vinho configura-se como o “melhor túmulo para a dor”, isto é, como a melhor cura para alguma ferida, entendemos haver uma relação intercambiável entre mulher e vinho: não sendo possível estar com a mulher amada, o vinho funcionaria como meio de suplantar essa falta, seria a melhor das opções. Ao dizer que a taça de vinho seria um “túmulo”, sinalizaria esse objeto como uma forma de sepultar a dor provocada por tal falta, havendo a substituição de um túmulo, propriamente dito, por um túmulo figurativo, algo que figurativamente serviria como forma de sepultamento da dor.

A expressão “não há melhor” poderia significar o aconselhamento de alguém que já teve uma ideia anterior, em relação à qual a da taça de vinho seria melhor. Haveria algo melhor do que aquilo que foi anteriormente pensado, ou do que poderia vir a ser pensado: possivelmente, o suicídio. Seria a substituição da ideia de sepultamento de si, através do suicídio, pelo sepultamento figurativo da dor, possibilitado pela taça de vinho. Com esta, o “túmulo”, repouso “eterno”, seria não da própria vida, mas da dor: seu esquecimento através dessa substância.

Ademais, nessa sequência, a presença do conectivo “ou”, ao produzir efeito de sentido de alternância (“vinho” ou “olhos negros cheios de languidez”), reforça a ideia de aconselhamento de que o vinho (ou o vício) pode se colocar como uma alternativa mais favorável. Não sepultando a dor por intermédio do vinho, restariam os olhos cheios de languidez, isto é, olhos negros sem vigor, sem viço. Não fazendo uso da taça de vinho para esquecer a dor, o personagem seria abatido pela falta de ânimo, visível a partir dos olhos negros apáticos. Assim, novamente, o uso do álcool seria mais vantajoso. Não o fazendo, é provável que emerja a ideação suicida, como parece ser visualizado nos dizeres de Penseroso, o qual, ao longo da história, por não ter o amor da mulher amada, pensa, algumas vezes, no suicídio.

D. “Perdoai-me, meu Deus! Talvez seja uma fraqueza o suicídio. Por que será um crime ao pobre louco sacrificar os sonhos da vida?” (Penseroso) (AZEVEDO, 2006, p. 67)

Embora haja o reconhecimento do suicídio como fraqueza, o personagem Penseroso procura argumentar, através de seu questionamento, que o suicídio pode não se configurar como crime, uma vez que quem o comete está, na verdade, simplesmente acabando com os próprios sonhos. Logo, aquele que toma essa atitude tão drástica e sofrida não deveria ser visto nem como alguém que cometeu um crime, nem como alguém fraco. No entanto, apesar desse tom aparentemente elogioso ao ato suicida, a obra encerra-se com uma afirmação de Satan, a qual parece convergir com as ideias de Macário sobre o vício.

E) “O vinho é como o ópio, é o Letes do esquecimento... A embriaguez é como a morte...” (Satan) (AZEVEDO, 2006, p. 70)

A estrutura comparativa permeia toda a obra, como apontam as próprias análises aqui empreendidas, o que parece indicar certo interesse didático, instrutivo de certos dizeres. É como se, ao empregar comparações e metáforas, os personagens quisessem tornar mais clara certa tese defendida: de um modo geral, a ideia de uso do vinho como forma de lenitivo. Nessa sequência linguística, o vinho é comparado a ópio, por ser o “letes do esquecimento”. Em outras palavras, o vinho é um lenitivo, algo paliativo, que atua de forma analgésica. Ao não se entregar ao funcionamento dessa substância, por exemplo, Penseroso entregou-se à influência de Satan, o que culminou no seu suicídio, por não haver se entregado a um vício,



como o fez Macário.

Interessante observarmos que a sequência linguística “a embriaguez é como a morte” marca uma equivocidade: a embriaguez representando o esquecimento da dor, sua “morte”, podendo estar representando também o prejuízo para quem exagera no consumo de substância, como o vinho. Assim, ao mesmo tempo em que pode funcionar como um escape, pode também funcionar como um intensificador da própria dor, já que pode provocar a ressaca física e/ou moral.

A abordagem e a problematização que aqui procuramos fazer sobre a relação entre vida, o uso de alguma substância e o (não) suicídio não são possíveis somente a partir de obras da época do Romantismo, sendo passíveis de serem (re)pensadas em obras de outras épocas, na trajetória de outros personagens, como na de João Gostoso, no poema de Manuel Bandeira

### **João Gostoso: de (não) dizeres a interpretações**

João Gostoso é personagem de “Poema tirado de uma notícia de jornal”, do autor Manuel Bandeira (1886-1968), escritor brasileiro ligado aos ideais da primeira fase do Modernismo Brasileiro. Uma das premissas desse movimento, mais notadamente dessa fase modernista, é a expressão (sobretudo crítica) do cotidiano, inclusive com ênfase na língua coloquial e na liberdade criadora. Tal é o que se pode verificar nas produções desse escritor, crítico literário e de arte, dentre outras formações e atuações, que estendeu seu olhar analítico para aspectos cotidianos e, ao mesmo tempo, universais, apresentando-os liricamente em seus poemas, como em “Poema tirado de uma notícia de jornal”. A partir desse texto literário, para além do anonimato do homem simples, da diferença social refletindo nos usos, nas ocupações e nos conflitos no espaço geográfico, muitas outras questões podem ser problematizadas, como é o caso da temática que aqui nos interessa, a relação entre vida, vício e suicídio.

#### *Poema tirado de uma notícia de jornal*

João Gostoso era carregador de feira-livre e morava no morro da Babilônia num [barracão sem número.  
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro  
Bebeu  
Cantou  
Dançou  
Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.  
(BANDEIRA, 2000, p. 46)

Semelhantemente à obra “Macário”, o poema em questão apresenta a narrativa sobre a história de um personagem que, à primeira vista, parece cometer suicídio, em virtude, talvez, de um descontentamento com a vida. Considerando dizeres do narrador, com o objetivo de realizar interpretações pautadas em aspectos linguísticos, empreendemos o mesmo procedimento da análise anterior, apresentando, inicialmente, as sequências linguísticas, seguidas de interpretações e posicionamentos acerca do que parece ser possível entrever nesses dizeres no que concerne ao uso de substância e ao (não) suicídio.

A) “Poema tirado de uma notícia de jornal.”

Em uma primeira leitura, essa sequência linguística, que compõe o título do poema, aponta para “uma notícia de jornal” na qual o poema se baseou para abordar o fato narrado. Esse título parece antecipar que outro olhar para o “mesmo” fato – o olhar poético – será dado àquilo que provavelmente foi abordado de modo imparcial e objetivo na notícia: um (suposto) suicídio. Poderia, então, estar significando uma crítica à frieza com que a mídia aborda um ocorrido tão triste como esse. Seria uma forma de dizer que o suicídio, um ato frequentemente abordado pela mídia nas notícias de jornal, pode, inclusive, para a surpresa de muitos, ser narrado poeticamente. Aquilo que, no jornal, seria apresentado sob uma ótica imparcial, “fria”, poderia ser (similarmente ou não) apresentado poeticamente, uma forma até romantizada de abordar o suicídio (ou mesmo uma crítica a essa romantização).

A despeito dos efeitos de sentidos que possivelmente podem emergir como regulares na interpretação desse poema, se entendemos, com Pêcheux (2008), que todo enunciado é passível de vir a ser outro, deslocando-se discursivamente em sentidos, os “mesmos” dizeres podem suscitar sentidos outros em diferentes leituras, nas quais, não necessariamente, é preciso “fidelidade” às interpretações comumente atribuídas ao poema, aos seus sentidos cristalizados. Sob esse olhar, considerando discurso como efeito de sentido e a equivocidade, entendemos, a partir da leitura de todo o poema, que o fato noticiado pode não ser um suicídio, mas uma morte involuntária, decorrente de afogamento. Assim, se, de início, o uso de substância conduziria ao suicídio, outras possibilidades de interpretação podem ser consideradas, como pontuamos nas análises das sequências adiante.

B) “João Gostoso era carregador de feira-livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número.”

Seguindo a estrutura narrativa que a própria notícia tem, esse poema faz a apresentação da personagem. Essa sequência trata de circunscrever quem era o protagonista. O modo como essa apresentação é feita parece construir a representação de um homem desconhecido, anônimo, cidadão comum, cujo nome completo sequer é sabido. Ao dizer que era carregador de feira-livre, que morava no morro, num barracão, e ainda por cima sem número, parece mostrar a simplicidade do personagem, sua vida ordinária, possivelmente marcada por dificuldades, o que indicaria uma vida difícil, no sentido de ser cheia de atribulações e que, em última instância, poderia ocasionar transtornos à saúde mental, como a depressão, a ideação suicida, entre outros. Entretanto, tal sequência poderia significar diferentemente, projetando a representação de um homem tão conhecido, tão popular, a ponto de poder ser identificado somente por sua alcunha, qual seja, “João Gostoso”.

C) “Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro.”

O uso da norma não padrão da língua portuguesa em “chegou no bar” parece reforçar o modo popular de ser e de dizer do protagonista da narrativa. Além disso, “chegar no bar” pode significar a busca, a procura por algo que lhe permita uma fuga à possível vida difícil, fuga esta que se daria por meio do uso de bebidas alcoólicas, o que pode não ter ocorrido necessariamente, como apresentado no decorrer da análise.

João Gostoso poderia sim ter o hábito de ir ao bar à procura de substâncias que o permitissem lidar com a aparente vida difícil que levava. Porém, a expressão temporal “uma noite”, utilizada para situar temporalmente o sequenciamento das ações da narrativa, pode ser interpretada como sinalizando que João Gostoso não tinha por hábito ir ao bar. Ele foi em “uma noite”, aparecendo esse ato como um componente inusitado, o que poderia ser atribuído ao fato de ele fazer algo que habitualmente não fazia: ingerir bebida alcoólica ou simplesmente ir ao bar. Nesse local, espaço da narrativa, as ações prosseguem.

D) “Bebeu / Cantou / Dançou.”

Os versos constituem-se apenas de verbos no passado, com o apontamento de ações que supostamente estariam relacionadas ao estado (emocional) do personagem e ao ato final de se jogar na lagoa, como se houvesse uma relação de causa e consequência, já que, sob o aspecto coesivo, o encadeamento desses versos poderia conotar sequencialidade. Essa

sequência linguística pode ser interpretada como a apresentação de ações correlacionadas ao (possível) suicídio de João Gostoso, ato esse insinuado ao final, como se tivesse ocorrido por estar movido pelos efeitos do álcool; como se isto – beber, cantar e dançar – fizesse parte de seu plano suicida, algo que ele, porventura, teria como seus “últimos desejos”.

Percebemos, em tal sequência, o funcionamento de verbos se configurando como intransitivos (“cantar”, “beber” e “dançar”), pois não trazem complementos verbais. O verbo “beber” como intransitivo faz, culturalmente, alusão ao ato de ingerir bebidas alcoólicas, mas também ao ato de ingerir bebidas não alcólicas, já que a ausência do complemento verbal indicia essa abertura de sentido. Assim, não há “obrigatoriedade” de interpretarmos que João Gostoso fez uso de alguma substância tóxica e se matou, pois ele pode, inclusive, não ter feito uso de nada tóxico, apontando para a fatalidade de sua morte e, ao mesmo tempo, excluindo o álcool como causa de um suposto suicídio, visto que, depois de ter bebido, cantado e dançado, ele se atira na lagoa e, acidentalmente, pode ter morrido afogado.

E) “Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.”

Esse poema pode dizer de alguém de uma vida ordinária que teve na substância da bebida alcoólica algum conforto, mas isso não foi suficiente para aguentar/suportar a vida, vindo a cometer suicídio. Por outro lado, pode dizer também de alguém que, imprevisivelmente, morreu, tendo pulado na lagoa. O fato de ele ter morrido afogado pode não ter relação com o fato de ter se jogado na lagoa com intenções suicidas.

O termo “suicídio” não aparece mencionado explicitamente. Na verdade, parece haver certa equivocidade. O uso da locução verbal “se atirou” direciona para a interpretação de que foi uma atitude suicida. Em contrapartida, o predicado verbal “e morreu afogado” aponta para o afogamento como causa da morte, o que pode ter sido mera casualidade por ter se atirado na lagoa. Ele pode ter se atirado simplesmente pelo fato de estar sob os efeitos do álcool, termo este que, inclusive, não é mencionado, haja vista a ausência do complemento verbal para o verbo “beber”. João Gostoso pode ter “se atirado na lagoa”, no sentido de “ter pulado” com intenção de se matar ou até mesmo com intenção de, simplesmente, tomar um banho de mar, dado o seu estado eufórico.

Não há, ao certo, evidências linguísticas de que houve ato suicida. João pode ter feito uso de álcool e se matado. Pode ter feito o uso de álcool e ter morrido acidentalmente. Ou não ter sequer feito o uso de álcool e se matado, ou, ainda, não ter ingerido bebida alcoólica, nem

se matado, tendo sido um acidente sua morte. Todas essas leituras são possíveis porque há, em toda e qualquer dizer, conforme Pêcheux (2008), pontos de deriva possíveis.

### **Considerações finais**

Em geral, o discurso midiático (campanhas publicitárias, anúncios, propagandas), o discurso religioso (sermões, pregações, cultos), o da saúde (campanhas nacionais, dizeres dos profissionais da saúde) e o escolar (projetos, dizeres dos profissionais da educação, documentos legais) assumem uma postura combativa e repressora em relação ao uso de certas substâncias, dando realce ao aspecto toxicológico. Abordam a problemática sob o viés proibitivo, punitivo, condenativo e excludente, o que, a nosso ver, pode agravar o sofrimento e o quadro de saúde mental do estudante que vivencia, de alguma forma, o uso de substâncias tóxicas. Logo, consideramos que é preciso (re)discutir e (re)pensar práticas no âmbito escolar menos automatizadas e taxativas, bem como menos voltadas para o diagnóstico e a patologização do uso de substâncias.

Nesse sentido, destacamos que uma das grandes filosofias do protagonista Macário parece ser indiciar que certas drogas lícitas podem ter o papel fundamental na vida de muitos. É comum ouvirmos na cultura popular, como também no discurso da medicina, por exemplo, que uma taça de vinho bebida diariamente faz bem à saúde. Aprendemos, com João Gostoso, a possibilidade de levarmos em consideração a (im)previsibilidade da relação entre substância e (não) suicídio. É possível que ele tenha cometido suicídio, devido a tudo que fez, mas também seria possível que, mesmo diante das condições diversas e adversas, não tenha querido se matar, sendo sua morte mera casualidade do estado eufórico que o álcool pode ter produzido ou não.

Obviamente, não estamos aqui fazendo nenhuma apologia ao consumo de vinho, cerveja, cigarro, etc., Contudo, ao longo deste artigo, procuramos sustentar um ponto de vista (não) teórico que aponta para uma possibilidade de vida com (certa) qualidade por meio de drogas lícitas. Estamos, na verdade, tentando (re)pensar o uso de certas substâncias para além da degeneração que podem provocar. Tampouco estamos pretendendo “prescrever” alguma substância como um “antidepressivo”, mas, sim, estimular o debate, o desenvolvimento de práticas que realmente visem a enfrentar problemas de ordem da saúde mental, apontando o vício não pelo velho discurso do combate, da luta, do enfrentamento, considerando que, às vezes, ao se tirar isso de um sujeito, está-se tirando seu único ponto de equilíbrio, o que ainda

o sustenta, sua espécie de “muleta”.

Nesse sentido, a noção de singularidade mostra que a substância pode funcionar como escape para uns, mas não para outros. Ao funcionarem como escapes, o vinho e o tabaco, por exemplo, podem até diminuir o tempo de vida de alguém, porém podem causar certo conforto, de modo que uma vida que poderia ser retirada via suicídio fortemente voluntário acaba sendo retirada via uma espécie de suicídio (in)voluntário, a longo prazo, logo, a nosso ver, uma vida mais (“bem”) vivida, o que nos permite dizer que o vício pode ser vida!

No poema “O Homem; as Viagens”, de Carlos Drummond de Andrade (1997), fala-se sobre o homem, insatisfeito com sua vida na Terra, procurar por vários outros “lugares”. Coloniza-os, civiliza-os, humaniza-os. No entanto, não se satisfaz em sua busca, que é incessante. Terra, Lua e Marte humanizados, com a presença do ser humano e de sua natureza, resta a mais perigosa de todas as humanizações, qual seja, a “de si a si mesmo”, ou seja, humanizar o próprio homem, para que desfrute da alegria de “con-viver”, isto é, de viver conjuntamente com seu próximo, e de lidar com sua própria condição: a de ser singular e faltoso. Para muitos, essa condição somente é “preenchida” por meio do uso de alguma substância.

## Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. O Homem; as Viagens. In: \_\_\_\_ **A palavra mágica**. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 1997. p.81-83.

AZEVEDO, Álvares de. **Macário / Noite na Taverna**. São Paulo: Globo, 2006.

BANDEIRA, Manuel. Poema tirado de uma notícia de jornal. In: \_\_\_\_ . **Libertinagem & Estrela da Manhã**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

CALAZANS, Roberto; LUSTOZA, Roseane Zétola. A medicalização do psíquico: os conceitos de vida e saúde. **Arquivos brasileiros de psicologia**. v.60, n.01, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arp/v60n1/v60n1a11.pdf>

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LEITE, Nina Virginia de Araújo. Sobre a singularidade. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, jan./jun. 2000, p.39-49.

MALBERGIER, A. et al. Uso de substâncias na adolescência e problemas familiares. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 2012. p.678-688. Disponível em: << <http://www.scielo.br/pdf/csp/v28n4/07.pdf>>> Acesso em: 10 jul. 2019.

MALVASI, Paulo Artur; ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira. Uma contribuição das

ciências sociais e humanas no campo da saúde pública: o tema das drogas (i)lícitas. In: SOARES, Marcos Hirata Soares; BUENO, Sônia Maria Villela. (orgs.). **Saúde Mental: Novas Perspectivas**. São Caetano do Sul/SP: Yendis, 2011.

SOARES, Marcos Hirata. Prevenção do suicídio. In: SOARES, Marcos Hirata; BUENO, Sônia Maria Villela. (orgs.) **Saúde Mental: novas perspectivas**. São Caetano do Sul/SP: Yendis, 2011. p.88-118.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 2.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

\_\_\_\_\_. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 5.ed. Campinas: Pontes Editores, 2008.

THE SMITHS. **Asleep**. [1986]. Disponível em: <<  
<https://www.youtube.com/watch?v=5mF4pKSi2SU>>> Acesso em: 13 ago. 2019.